

ENTRE NARRATIVAS E IMAGENS: TRILHANDO PASSOS

MANCHOPE, Elenita Conegero Pastor¹

RESUMO: Neste trabalho analisamos a produção literária de Julia Lopes de Almeida, que se confunde com sua vida, delineada pela intensidade das relações que manteve na família, na sociedade e na arte. Partimos do pressuposto de que a produção ficcional da autora está permeada também pela história, aquela registrada pelos historiadores e por memórias da autora, que por sua vez fazem parte da memória coletiva da sociedade e da época vivida por ela.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, memória e Julia Lopes de Almeida.

ABSTRACT: In this paper we analyze the literary production of Julia Lopes de Almeida, which coincides with his life, delineated by the intensity of the relations that remained in the family, society and art. I assume that the fictional production of the author is also permeated by history, that recorded by historians and author of the memoir, which in turn are part of the collective memory of society and the time lived by it.

KEYWORDS: Literature, memory and Julia Lopes de Almeida.

O final do século XIX, no Brasil, foi marcado por transformações nas relações sociais, políticas e econômicas impulsionadas pelos avanços do capitalismo. Novos valores foram construídos e o moderno convivia com o antigo que ainda não havia desaparecido totalmente. Na transição para o século XX, os costumes da sociedade patriarcal seriam confrontados por novos valores. Existem indícios que nos levam a pensar que a literatura tenha sido um elemento importante da nossa cultura que possibilitou a disseminação desses novos valores (AZEVEDO, 1963).

A produção literária de Julia Lopes de Almeida confunde-se com sua vida, delineada pela intensidade das relações que manteve na família, na sociedade e na arte. Neste estudo, partimos do pressuposto de que a produção ficcional da autora está permeada também pela história, aquela registrada pelos historiadores e por memórias da autora, que por sua vez fazem parte da memória coletiva da sociedade e da época vivida por ela.

Segundo Halbwachs:

nossas sensações fossem apenas o reflexo dos objetos exteriores, no qual não misturávamos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos prendiam aos homens e aos grupos que nos rodeiam. Se não nos recordamos de nossa primeira infância, é, com efeito, porque nossas impressões não se podem relacionar com esteio nenhum, enquanto não somos ainda um ente social (HALBWACHS, 1990, p. 37).

As cenas que recordamos da infância estariam sempre cercadas de elementos sociais. Quanto às lembranças de adultos, Halbwachs afirma que na maioria das vezes nossos pensamentos são influenciados também pelos elementos exteriores ao sujeito:

De uma maneira ou de outra, cada grupo social empenha-se em manter uma semelhante persuasão junto a seus membros [...] algumas vezes alargamos o círculo de suas amizades e de suas leituras, reconhecemos o mérito de seu ecletismo que nos permite ver e conciliar os diferentes aspectos das questões e das coisas; acontece mesmo frequentemente que a dosagem de nossas opiniões, a complexidade de nossos sentimentos e de nossas preferências não são mais que a expressão dos acasos que nos colocaram em relação com grupos diversos ou opostos, e que a parte que representamos em cada modo de ver está determinada pela intensidade desigual das influências que estes têm, separadamente, exercido, sobre nós (HALBWACHS, 1990, p. 47).

O autor alerta que, sempre que aceitamos sem resistência uma sugestão de fora, é comum entendermos que é nosso pensamento e que estamos pensando e sentindo livremente. De forma quase que inconsciente é que ocorrem as influências sociais nos indivíduos e estes, muitas vezes, nem percebem. Dessa maneira, é possível pensar que a memória dos indivíduos estará sempre permeada por elementos sociais. Logo, ratificamos a ideia de que a produção literária de Julia Lopes de Almeida tanto sofre interferências nos elementos externos como também influencia, de certo modo, seus leitores.

Compreendemos que a literatura é um campo do conhecimento que possibilita observar, entre tantas outras coisas, a construção de subjetividades, a partir das relações que se estabelecem entre os espaços sociais e familiares, as memórias individuais e coletivas e nos diferentes modos de narrar. Dessa forma, pode-se inferir que a imagem da mulher, pautada na figura de Julia Lopes de Almeida, que buscamos encontrar nos documentos selecionados para esse estudo, se constituirá da costura que se pode fazer entre os diferentes olhares que compuseram as biografias de D.

Julia.



Figura 1 : Julia Lopes de Almeida, um momento de pausa da leitura²

A imagem apresentada na sequência, datada de 1924, registra sua sensibilidade e familiaridade com o mundo da literatura. Ao registrar a cena, Julia permite retratar sua rotina que se intercala entre família, sociedade e leitura.

Com o livro nas mãos, marcado entre os dedos, deduzimos que a leitura parece absorvê-la em seus pensamentos. A fotografia possibilita inferir que Julia está desligada da presença do fotógrafo. A sutileza do cenário é que permite essa observação. A posição inclinada, com uma postura impecável, porém no cenário apenas uma cortina ao fundo e a cadeira. A simplicidade e a serenidade são duas características muito presentes nas falas dos que tiveram a grande tarefa de escrever sua biografia.

De acordo com Margarida, sua filha, produzir a biografia de sua mãe não foi uma tarefa fácil, pois era muito modesta e não se preocupava com os registros das notícias publicadas nos jornais e revistas a seu respeito. Revisitar o passado de Julia Lopes de Almeida e reconstruir sua biografia, a partir de fontes de seu acervo pessoal, que contêm fotos, artigos de jornais da autora, biografias escritas por parentes, amigos e críticos, notas em jornais, a maioria de 1962, quando completaria cem anos de vida, além de rascunhos feitos de próprio punho, compõe os objetivos desta etapa do trabalho, os quais consistem em rememorar e revigorar a imagem da mulher do século XIX e início do século XX. Voltamos para a história com o intuito de revigorar e dar a conhecer às gerações futuras a autora Julia Lopes de Almeida e parte de suas

obras. Buscamos o encontro da mulher Julia, esposa, mãe, cidadã carioca atuante na vida política, com a mulher Julia, escritora.



Figura 2: Dona Julia com sua filha Margarida³

Essa imagem retrata a afinidade existente entre mãe e filha. Margarida se destaca como escultora e a sua principal obra será o busto que esculpiu da mãe. Margarida escreve a biografia da mãe, trazendo riqueza de detalhes da vida pessoal. Faz uma mescla de informações pessoais e profissionais citando alguns momentos do contexto histórico vivenciado por Julia Lopes de Almeida e sua família.

O processo produtivo de Julia Lopes de Almeida ocorreu no período entre 1886 e 1930. A autora nasceu em 1862, final do século XIX, momento de grandes lutas em prol da República e da Libertação dos Escravos. De acordo com Needell (1993), com o fim da guerra contra o Paraguai, grandes mudanças ocorreram: “os entrepostos urbanos haviam crescido enquanto núcleos de concentração populacional, cultural e de infraestrutura, transformando-se em centros políticos de um novo tipo” (NEEDEL, 1993, p. 20). A cidade não se resumia mais a local de encontro da elite rural e seus aliados comerciais, mas se caracterizava como espaço que reunia profissionais liberais, burocratas, empresários, empregados do comércio, estudantes, pessoas com mais acesso aos ideais republicanos europeus e norte-americanos.

Em meio às mudanças, Julia Lopes de Almeida, embebida de ideais liberais, escreve sobre temas relacionados à política, ao casamento, à função social da mulher e, até mesmo, à economia. A sua produção é publicada em diferentes veículos de informações: jornais, revistas e livros de circulação local, nacional e internacional.

De acordo com Aleida Assmann, não seria legítimo estudar o passado apenas para saber o que ocorreu, por mera curiosidade. Daquilo que já foi esquecido vale a pena buscá-lo para revigorar e dar continuidade aos seus feitos. Ao se desvincular a

recordação e a transmissão de uma tradição, também os locais de memória se tornam ilegíveis (ASSMANN, 2011, p. 336).

Segundo Pierre Nora, os lugares de memória

[...] são lugares com efeito nos três sentidos da palavra: material, simbólico e funcional [...] mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica (NORA, 1993, p. 21).

Nesse sentido, os lugares de memória, ao serem estudados, carregam consigo uma história regada de cumplicidade, significações, afetividade, pertencimento, ou simplesmente de alma, daquele que busca a rememoração. O arquivo que se considera como lugar de memória não será interpretado simplesmente em seu estado material, restrito ao que está escrito, e sim mesclado com os sentidos daquele que o investiga.

Para além dos dados biográficos registrados por meio da escrita, utilizar-se-ão também as fotografias como elementos que eternizaram os momentos vividos por Julia Lopes de Almeida. De acordo com Boris Kossoy, a imagem fotográfica possibilitou o registro da expressão cultural de determinadas sociedades, já que a humanidade necessita reproduzir de alguma maneira o mundo visível, "real" (KOSSOY, 2001).

Reforçando a importância da fotografia, Sontag (2004) afirma que as fotografias podem ser utilizadas como imagens espectrais do passado que se busca rememorar. A fotografia proporcionaria um possível reencontro com parte do passado, que por sua vez estimula reconstrução desse passado. Para a autora, "tirar uma foto é participar da mortalidade, da vulnerabilidade e da mutabilidade de outra pessoa (ou coisa). Justamente por cortar uma fatia desse momento e congelá-lo, toda foto testemunha a dissolução implacável do tempo (SONTAG, 2004, p. 25-26).



Figura 3: Dr. Valentim José da Silveira Lopes, pai de Julia Lopes de Almeida⁴

Buscando as representações da memória, inicia-se a reconstrução da biografia de Julia Lopes de Almeida, mesclando informações retiradas da narrativa construída por Margarida Lopes de Almeida, também conhecida como Guida, e da homenagem biográfica escrita por Caldeira Coelho, com as fotografias adquiridas no seu acervo pessoal e fatos históricos ocorridos na época.

Em 23 de setembro de 1862, nasce Julia Valentim da Silveira Lopes, no Rio de Janeiro. Seus pais eram Valentim José da Silveira Lopes e D. Adelina Pereira Lopes.

Dr. Valentim foi diplomado pela Faculdade de Medicina da Bahia, nasceu em Lisboa e naturalizou-se brasileiro. Foi professor e Vice-cônsul de Portugal em Macaé, Rio de Janeiro.

Sobre a mãe da autora não tivemos referência direta em nenhum dos documentos presentes no acervo. Essa informação é importante no sentido de pensar que para a época o mais importante era o patriarca, portanto, era imprescindível que o seu retrato estivesse disposto em algum local da casa, preferencialmente a sala, para dar a sensação de onipresença; já figura da mãe não teria que estar exposta. A mãe tem sua importância, porém deve evitar exposição de sua figura.



Figura 4: Julia Lopes, aos cinco anos⁵

D. Julia viveu os sete primeiros anos de sua vida no Rio de Janeiro. De acordo com Guida⁶, D. Julia, ao recordar este tempo, citava as corridas no terraço do telhado do Palácio do Catete, onde residiam os Condes de Nova Friburgo.



Figura 5: Palácio do Catete, Rio de Janeiro⁷

Em 1869 mudou-se para Campinas, onde viveu parte da infância e deu os primeiros passos como escritora na *Gazeta de Campinas*. Dr. Silveira escolheu esta cidade com o intuito de encaminhar seu filho nas lides de lavrador, para os quais tinha grande vocação. Em Campinas desabrochou a alma e a inteligência de Julia Lopes, a qual viria a se tornar uma grande intelectual “feminino” da época.

Campinas sempre foi o local de suas memórias de infância e também das lembranças de suas primeiras emoções de moça.

Teve uma amiga de infância, filha de uma escrava de seus pais, com a qual brincou e fez muitas travessuras pela cidade. Eram muito gulosas. Saíam pelas ruas para buscar encomendas para sua mãe e suas tias. Antes de comprar o que havia motivado a saída, de vez em quando, Joana entrava na padaria cantando uma cantiga cuja letra era sempre de Julia. Recebiam aplausos do padeiro e de algum eventual freguês. Saíam correndo, levando a encomenda da mãe e também algumas guloseimas que ganhavam por apresentar os “espetáculos”.

De acordo com os relatos de Margarida, Julia não foi uma criança com muita saúde, por isso não frequentou escolas e aprendeu a ler e escrever com sua irmã mais velha, Adelina. Filha de Dr. Silveira Lopes, médico do mais importante teatro da cidade, teve a oportunidade de assistir artistas de renome mundial. O fato de ser filha de pais com elevado nível cultural possibilitou que Julia crescesse num meio favorável para despertar todo o seu talento.



Figura 6: Imagem de um sarau⁸

A família costumava realizar saraus em sua residência, onde sua mãe e a irmã Adelaide cantavam e a irmã Adelina recitava versos de Tomas Ribeiro e Bulhão Pato, a irmã Maria José tocava piano e Julia apenas ouvia. Segundo Guida: “Sabia ouvir; mas era tímida e não gostava de exibir-se. Admirava, assimilava, aprendia. Ficava num canto da sala, com sua melhor amiga, Joana, e sua irmã mais nova, Alice”⁹. Dessa forma, cresceu num ambiente de trabalho e arte. Também teve como amigos de infância duas pessoas que se destacaram nas letras nacionais: Rodrigo Otávio Langard de Menezes e Julio Mesquita.

Ainda bem novinha, começou as primeiras tentativas de produção literária: escreveu uma pequena peça de teatro intitulada *Maria do céu*, além de uma ou outra historinha que mostrava apenas à Joana.

Tentou esconder esse talento para as letras, pois, naquela época, final do século XIX, não era de bom tom uma mulher interessar-se pela literatura. Seu pai a incentivara, inventando uma história, disse que havia se comprometido com seu amigo, redator do jornal de Campinas, que entregaria um artigo para jornal no dia seguinte e que não teria tempo hábil para escrevê-lo. Pediu a Julia que fizesse o artigo em seu lugar. Ela atendeu ao pai e passou o dia a escrever. Sendo assim, em 7 de dezembro de 1881 foi publicado seu primeiro artigo na *Gazeta de Campinas*. Esse artigo comentava a vida de Gema Cuniberti, que havia se apresentado no Teatro municipal naquela semana. Segue a introdução do artigo presente na biografia elaborada por Margarida:

Gemma Cuniberti

Sr. Redactor

Venho tremula pedir-lhe o braço, pra que me apresente em público á attrahente, á divinal creança, á encantadora Gemmal! Com a sua apresentação fico certa do melhor acolhimento.

Desculpe-me para com ella e para com todos que me lerem do mal tecido da linguagem com que escrevi essas linhas que lhe envio, abusando, sem duvida, da concessão de um cantinho do seu jornal.

Quero que me dispense toda a sua indulgência, que sei ser excessiva, e me alcance o favor de seus leitores, dizendo-lhes que o influxo do anjo que ora me leva à imprensa, não se repetirá talvez em toda uma longa vida¹⁰.

O artigo sobre Gema Cuniberti foi o marco inicial da sua gloriosa e fecunda carreira literária. Incentivada pelo Diretor da *Gazeta de Campinas* e por seus pais, continuou escrevendo naquela folha diariamente. Muitos de seus contos eram transcritos nos jornais da Corte e destes nos das províncias.

Em 1884 começou a escrever crônicas para o jornal carioca *O país*, trabalho que durou mais de três décadas.

Em 1886, na cidade de Lisboa, se lança como escritora e publica, com sua irmã Adelina, *Contos infantis*. Seu primeiro livro foi publicado às vésperas da Proclamação da República. Esta foi uma época de grandes mudanças na economia e na política do Brasil, que rompeu com o sistema produtivo escravocrata, mas que ainda levaria muitas décadas para romper com a cultura, os hábitos e os valores da antiga sociedade. Julia Lopes de Almeida transita entre o velho e o novo modelo social. Esse livro, em 1891, por decisão da Inspeção Geral da Instrução Primária, foi adotado nas escolas primárias do Rio de Janeiro e, mais tarde, nas demais escolas primárias do Brasil. Julia era casada, mãe de seis filhos, e como escritora direcionou seu olhar também para a educação das mulheres.

Atendendo ao pedido de Valentim Magalhães, escrevia também para o periódico *A semana*, dirigido por ele e por Filinto de Almeida. Em visita a sua irmã Adelina, que morava no Rio de Janeiro, conheceu Filinto de Almeida, poeta renomado e ardoroso jornalista. Admiravam-se, mutuamente, por meio de suas obras e muito rápido se ligaram pelos laços de amor.

A história que Julia Lopes viveu por quarenta e sete anos com Filinto de Almeida foi de amor à primeira vista. Valentim Magalhães, amigo que trabalhava junto com Filinto no Jornal *A semana*, ao saber da vinda de Julia até a corte para uma visita a sua irmã mais velha, decide visitá-la e convida Filinto para acompanhá-lo. No

primeiro momento Filinto se opôs, brincando que como rapaz solteiro e pobre não deveria se atrever a se apaixonar por Julia. Mas Valentim insistiu, Filinto o acompanhou e, assim que conheceu D. Julia, logo se apaixonou. Como afirma Margarida: “No primeiro encontro, o destino selava a vida de ambos”¹¹.

O pai de Julia Lopes estava de viagem marcada para Europa, para onde levaria sua esposa e suas duas filhas mais novas: Julia e Alice. Porém, antes de embarcar, Valentim Magalhães pediu ao Sr. Valentim Silveira a mão de Julia em noivado para seu amigo Filinto. O pai de Julia ficou temeroso, pois sabia que Filinto pertencia a um grupo de jornalistas boêmios e que teria um futuro incerto. Além disso, a sua intenção era permanecer na Europa por tempo indeterminado. Porém, não teve alternativa senão aceitar. Dessa forma, em 26 de março de 1886, partiu Julia para Lisboa, noiva de Filinto.

No Rio, Filinto transformou sua saudade em versos e, em 1887, publicou seu primeiro livro, intitulado *Lyrice*. O primeiro poema deste livro, de 27 de março de 1886, intitulou-se “A partida”. Nesse poema, Filinto expressa toda a dor que sentiu com saudades de sua amada.

O primeiro exemplar desse livro foi entregue a Julia com a seguinte dedicatória: “A Julia Lopes, minha amada noiva, este primeiro exemplar do **seu** livro” (grifo meu). De acordo com Margarida, quando diz **seu** livro ele afirma que ela que o inspira e isso prova mais uma vez a força desse amor.

O livro *Lyrice* fez tanto sucesso que o possibilitou ir acompanhar, em Lisboa, a impressão dos “Anais da Câmara dos deputados de São Paulo”, trabalho que no Brasil não podia ser feito. Embarcou para Lisboa e, ao se aproximar da capital portuguesa, teve inspiração para escrever outro poema para sua amada, o qual se inicia assim: “Pouco a pouco dissipa-se a amargura da ausência: Ó minha estrela, ó meu amor. Vai-se aclarando a minha sorte escura” (ALMEIDA, s.d, s.p)¹².

Em Lisboa, em 28 novembro de 1887, casa-se Julia Lopes com Filinto de Almeida, na Igreja de S. Domingos. E, assim, se justifica o fato de uma brasileira e um noivo vivendo há muitos anos no Brasil se casarem em Portugal.



Figura 7: Igreja de São Domingos, em Lisboa, celebrando a ratificação do casamento de D. Luis I e D. Maria Pia, em 1862¹³

Julia Lopes de Almeida, ao tecer considerações sobre o casamento, tem muito a dizer a partir de sua vivência. Sua vida, com o esposo, foi de amor intenso e de realizações. Ao término da temporada em Lisboa, divulgando o livro premiado de Filinto, depois de um giro em viagem de núpcias por diversos países do Velho Continente, voltou o casal ao Brasil. Em fins de 1888, no Rio de Janeiro, nasce Afonso, o seu primeiro filho.

Apesar de ter uma experiência de casamento positiva, não deixa de visualizar as dificuldades que algumas mulheres encontravam no interior dessa relação. Dessa forma, a autora, quando questionada por jornalistas a respeito do divórcio, tema também bastante debatido em sua época, defende que o divórcio seria necessário para garantir a liberdade e emancipação da mulher diante da opressão masculina, fruto do modelo conservador de sociedade presente naquele momento.

No ano seguinte, com a proclamação da República, Filinto recebe um convite para assumir o jornal *A província de São Paulo*, que neste momento mudará o nome para *O Estado de São Paulo*. Não é possível, como escreveu Margarida, produzir uma biografia de Julia Lopes de Almeida sem trazer, vez ou outra, informações de Filinto, pois suas opiniões, tendências, ambições e seu ideal eram praticamente os mesmos, frutos dos laços de amor que prendiam seus corações.



Figura 8: Casal Filinto em Paris¹⁴

Em São Paulo tiveram dois filhos, Valentina e Adriano, mas os perderam com pouco tempo de vida. Essa perda abalou tanto a mãe que o conselho médico transferiu o casal para a capital, onde se instalou definitivamente.

Foi morar no Casarão junto com a família do Visconde S. Valentim, onde funcionava também a escola pública dirigida por Adelina Lopes Vieira, irmã mais velha de Julia. Nesse lugar nasceu Afonso e Albano.



Figura 9: Fotografia da casa de Copacabana¹⁵

A escola foi transferida para o Bairro Santa Teresa. Nesse bairro D. Julia realizou o sonho de construir sua casa. Nela nasceram suas filhas Margarida e Lucia. Margarida conta que nesta casa constituíram um lar, onde os filhos de D. Julia cresceram, estudaram e se tornaram todos artistas. Afonso fez até um poema intitulado *A nossa casa*, o qual enaltece suas qualidades quanto ao conforto e ao aconchego. Segue abaixo a transcrição do poema:

A nossa Casa

Meu lar é um ninho à beira da montanha,
Suspenso sobre as asas da cidade;
Se o sol, logo nascer o aquece e o banha,
Manda-lhe a derradeira claridade...

Foi feito pedra a pedra, com tamanha
Solicitude e força de vontade,
Que ao vê-lo pronto ainda a nossa alma estranha,
Ver a imaginação feita verdade!

Fica no monte a meia altura, tanta
Que não seja difícil lá chegar.
No plano, a vida urbana esteia e canta.

E em vê-lo, eu julgo-o assim como um
Altar na aba da serra e, em baixo, aos
Pés da santa, a cidade, de joelhos, a rezar...¹⁶

Essa casa também foi local de muitos encontros de poetas, escritores, artistas contemporâneos. João Foca, humorista, José Batista Coelho, o Leca, que chamava esta casa de “Lar Bendito”. João luso, considerado como membro da família, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Roberto Gomes, Paulo Barreto, Alberto Nepomuceno, Carlos de Carvalho e Frederico Nascimento, conversando sobre música, Helena, Suzana e Sílvia Figueiredo, famosas pianistas, Augusto Rosa e sua esposa Sra. D. Leonor, atores, Antonio Carneiro, Carlos Reis, que pintava os quadros de Julia e Filinto, entre tantos outros, frequentaram a casa, iluminando o ambiente em que se desenvolvia a inteligência dos filhos de D. Julia.

Como amigas, D. Julia tinha duas intelectuais e poetisas, que escreviam em verso e prosa: Julia Cortines e Maria Clara da Cunha Santos. As demais amigas íntimas eram senhoras burguesas e não tinham nenhuma pretensão literária.

Julia Lopes escrevia sem parar. Produziu crônicas, romances, contos, peças de teatro, conferências, livros didáticos, livros de viagem. Em 1886, escreveu *Contos infantis*; em 1887, *Traços e iluminuras*; em 1888, *Memórias de Martha*; em 1891, *Família Medeiros*; em 1895, *Viúva Simões*, em folhetim; em 1896, *Livro das noivas* (em 1897, publicado como livro); em 1901, *A casa verde*; em 1903, *Ânsia eterna*. Teve seis filhos, amamentou todos eles e mesmo assim não deixou de escrever. Foi uma mãe amável, nunca alterava o tom de voz e nem usava termos ásperos para educar seus filhos. Segundo Margarida, “se tivéssemos seguido à risca todos os seus exemplos e conselhos seríamos criaturas perfeitas” (imagem 149, arquivo de fotos do acervo pessoal da autora).

A imagem, na sequência, pode ser tomada como representação da cumplicidade de Julia com a família e que se estende na sua trama narrativa. Os

sentimentos transbordam e se revelam por meio de uma escrita madura, permeada pela observação sensível do entorno e dos seus elementos.



Figura 10: Julia Lopes de Almeida e seus filhos Afonso, Margarida, Albano e Lúcia¹⁷

A fotografia eterniza um momento familiar, mostrando um clima harmonioso. Julia Lopes de Almeida, sentada ao meio, tem uma fisionomia séria, mas ao mesmo tempo demonstra certa tranquilidade. Uma cena, uma imagem que perpetua aquele momento. De acordo com Susan Sontag, “as fotografias são marcas fantasmáticas que permitem a presença simbólica dos parentes dispersos. Um álbum de família refere-se geralmente a uma família no seu sentido mais amplo e, com frequência, é tudo que dela resta”. A fotografia da família de Julia, não só eterniza os membros da família no seu aspecto individual, como também possibilita fazer inferências quanto à composição da família brasileira naquele período histórico.

O registro da vida em família por meio da fotografia pode revelar diferentes sentidos e significados. De um lado, o sentido individual, o desejo de quem foi fotografado para obter um registro da família, uma lembrança pessoal, por outro lado, o historiador pode transformar essa foto pessoal em uma foto documento, que conserva um passado que poderia desaparecer (SONTAG, 2004, p. 71). Nesse caso, prevalece a ideia da foto documento, considerando-se que o objetivo é rememorar um passado que esteve prestes a ser esquecido. A fotografia possibilita visitar o passado da Julia Lopes de Almeida e, por meio deste, colher alguns indícios do que

seria a configuração da família naquele contexto.



Figura 11: Momento de Julia Lopes de Almeida com seus filhos e amigos¹⁸



Figura 12: D. Julia retratada por Richard Hall¹⁹

A fotografia acima permite inferir que o compromisso de Julia Lopes de Almeida com o seu trabalho é uma constante. Os óculos em uma das mãos, a outra apoiando papéis e, ao lado desses papéis, alguns livros – tal cenário reforça a dedicação ao escrever e ao produzir, como a todas as relações que estabeleceu na sua vida.



Figura 13: Dona Julia no seu escritório²⁰

Novamente, tem-se sua imagem ligada ao trabalho de escritora. Está sentada confortavelmente, com olhar perdido como quem sonha, imagina ou rememora. O tinteiro sobre a mesa remete à escrita; trata-se de um objeto extremamente importante para a efetivação de sua produção.



Figura 14: Tinteiro usado por Julia Lopes de Almeida para produzir suas obras²¹

É importante perceber e descortinar um horizonte sobre Julia Lopes de Almeida, como uma mulher que trabalha e ganha a vida do seu trabalho. Uma condição

jamais imaginada para a mulher de seu tempo. Sua produção foi variada e reconhecida no meio literário da época. São fosse o seu pertencimento àquela família de artistas e intelectuais, dificilmente teria conseguido o *status* de escritora, participando ativamente, inclusive, da criação da Academia Brasileira de Letras, mesmo sem poder participar dela, devido a sua condição de mulher.

Ampliando seu espaço de produção, atuou como colunista, por vinte e dois anos, no jornal *O país*, na *Gazeta de Campinas*, no *Correio de Campinas* e no *Almanaque de notícias* (1897-98). Também publicou no *Almanaque Literário de SP* (1884); no *Almanaque Gazeta de Notícias* (1897-98); no *Estado de São Paulo* e n'*A estação* (1888); no *Jornal do Comércio do Rio de Janeiro*, no *Correio da Manhã*, na *Ilustração Brasileira* e n'*A Semana* (1895-971); n'*A família* (1888-89); n'*A mensageira* (1898-1900); no *Kosmos*, n'*O mundo literário* e no *Jornal das senhoras* (1888-1889); no *Nosso jornal* (1919-1920); no *Corimbo de Rio Grande* (1920, 1934, 1941); na *Revista feminina de SP*, na *Revista do Brasil* e na *Revista dos novos* (1885-1886) (IHGB/1911).

Sua produção também provocou intrigas no meio cultural. A desavença se deu com Oscar Guanarido, que se sentiu preterido ao ver a peça de teatro de D. Julia intitulada *Quem não perdoa* ser escolhida para estrear o Teatro Municipal, principal teatro da cidade, o que o levou a escrever crônicas contra a autora no jornal.

Como leitora profícua, passeou pelas ideias dos franceses Rostand, Chantecler, Michellet, Balzac, dentre outros, tendo como preferido Colette; dos portugueses Garret, Herculano e Eça, os mais citados; e dos ingleses, sendo que foi assídua leitora das obras de Shakespeare. No *Livro das donas e donzelas*, cita que "quantos e quantos dias se passaram depois daquele em que a mão divina de Shakespeare escreveu no seu morredouro Hamlet: There are things in heaven and heart, Horatio, than are dreamt of in your philosophy²²" (ALMEIDA, 1906, p. 189).

De acordo com Margarida, em 1913, escritores franceses, tendo como organizadora a Madame Janne Catuslle Mendes, promoveram um banquete em sua homenagem, em Paris. As informações sobre essa homenagem foram transmitidas por Olavo Bilac, que, entre tantos outros escritores, participou dessa bela homenagem. Ele relata o acontecimento numa entrevista publicada n'*A Época*, em 19 de maio de 1914. Segundo Olavo Bilac, foi um evento muito importante, que contou com a participação de mais ou menos quatrocentos convidados.



Figura 15: Fotografia que registra a presença dos convidados para o jantar em Homenagem a Julia Lopes de Almeida, em Paris²³

A autora produziu muitas obras que tratavam dos problemas do campo, da escravidão, do poder dos senhores, da maldade dos feitores. O convívio com o irmão fazendeiro possibilitou observar essa realidade e não pôde calar-se ou ficar indiferente diante do sofrimento e da dor dos oprimidos, nessa relação de trabalho determinada pelo regime escravocrata. Sua escrita foi permeada por comoção, revolta, desespero e piedade.

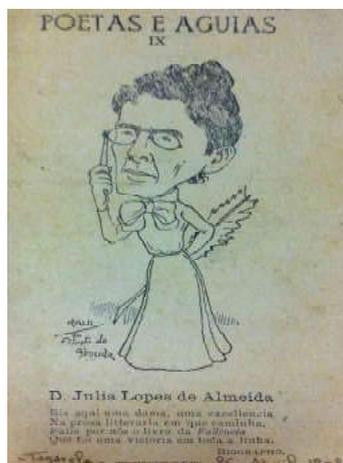


Figura 16: Caricaturada de Julia Lopes de Almeida, elogiando o livro *A falência*²⁴

Nessa poesia impressa na Figura 16, percebe-se a valorização atribuída à escritora do livro *A falência*, um feito raro para os tempos em que viveu Julia Lopes de Almeida. Pouquíssimas mulheres conseguiram esse *status*. O reconhecimento da figura masculina enaltecendo-a e denominando-a de “uma dama, uma excellencia”. Conclamando que o livro *A falência* fale por todos à época, o biógrafo tece um discurso reificante.

Outra biografia encontrada no acervo pessoal da autora foi a de Caldeira Coelho. Em suas palavras, as obras de Julia Lopes foram extremamente construtivas, formativas. Em cada obra, retratou uma época ou um modo da vida brasileira:

Na *Família Medeiros (1891- folhetim e 1892-livro)* descreve a vida das fazendas de café, o sofrimento dos escravos, os primeiros momentos da emancipação. Sente-se a transformação duma sociedade que se renova.

Na *Falência (1901)* – romance célebre, onde descreve a vida do comércio do Rio, a ânsia de enriquecer depressa o que levou tantos à ruína.

Silveirinha (1914) – É a futilidade da vida de Petropolis, esse Estoril do Rio, da sociedade que se diverte.

Cruel amor (1911) – a vida de Copacabana e das praias, não descrevendo as meninas em *maillot*, mas sim a vida dos pescadores tisonados pelo sol, pelo mar, pelo ar salino. Não fala dos arranha-céus, mas das choupanas de barro dos pescadores, numa descrição que é empolgante. Tinha ela, como todos os grandes escritores, e sobretudo no Brasil, um enorme amor pela Natureza.

Quem a não terá?

Correio da Roça (1913) – *Jardim Florido e A Árvore (1916)* – três obras primas que influenciaram várias gerações. O último foi escrito de colaboração com o filho Afonso Lopes de Almeida, cabendo a este, a parte em verso.

Escreveu também o *Livro das Noivas (1896)*, que tão poderosamente contribuiu para a formação moral da mulher brasileira (COELHO, 1953, s/p).

Com obras como o *Livro das noivas* e a coletânea de crônicas *Livro das donas e donzelas*, influenciou na formação das mulheres brasileiras e até mesmo as estrangeiras da França, de Portugal e da Argentina.

Caldeira Coelho afirma ainda que, além das obras acima mencionadas, Julia Lopes de Almeida trabalhou também produzindo peças de teatro, novela, escrevendo contos, fazendo jornalismo, conferências, mas não versos. Para isso, contava com a parceria do marido Filinto de Almeida e do filho Afonso.



Figura 17: Dona Julia proferindo uma conferência no salão da Escola de Belas Artes²⁵

Em 1922, proferiu conferência intitulada *Brasil*, em Buenos Aires, no Conselho Nacional de Mulheres da Argentina, e publicou o conto “La tuerta” (“A caolha”) no jornal *La Nación*. Nesse mesmo ano, participou do I Congresso Feminino do Brasil, no Rio de Janeiro.

A filha de Julia Lopes de Almeida recebeu um prêmio da Escola de Belas Artes que a levou a ter que morar em Paris por quatro anos. Em função disso, Julia decide mudar-se com a família para ficar perto da filha. Durante esse período, a autora não deixou de escrever, chegando até mesmo a receber homenagens da sociedade parisiense.

Julia Lopes de Almeida foi uma escritora de grande expressão no meio literário ao mesmo tempo em que conservou seu ar de grande senhora e impunha a todos essa distinção. No Brasil, exerceu tanta influência sobre a mulher que mesmo nunca ter sido professora foi “cognominada” “A Padroeira das Escolas do Brasil”. Em Portugal, Julia Lopes também foi bastante reconhecida. Estudantes da Universidade de Coimbra, poetas, artistas, jornalistas, escritores prestaram homenagem à grande escritora e toda a sua família. Muitas mulheres brasileiras, inclusive aquelas com projeção intelectual, concordaram em encaminhar às mulheres portuguesas uma réplica do busto de Julia Lopes de Almeida existente no Rio de Janeiro. Esse reconhecimento em Portugal justifica-se dado os vínculos sanguíneos e sua admiração pelos portugueses.



Figura 18: Inauguração do busto de Julia Lopes de Almeida, no Rio de Janeiro, com a presença de familiares e amigos²⁶



Figura 19: Réplica do busto de Julia Lopes de Almeida, no Jardim Gomes de Amorim, à alameda Dr. Antonio José de Almeida, em Lisboa²⁷

Foi reconhecida em outros países, especialmente França, Espanha e Argentina, e tem seu nome comparado a diversos escritores renomados. No arquivo pessoal da autora, intitulado *Album*, encontram-se diversas informações de Julia Lopes em diferentes fontes. Sobre a sua passagem pela Argentina, encontramos o recorte de jornal que noticia a realização de sua conferência. Antes mesmo de citar a conferência, o colunista comenta que:

Dona Julia, como escritora, tem o seu nome emoldurado pela fama que glorificou as sras. Claudia de Campos, Maria Amalia Guiomar Torreção, em Portugal; Carmen de Burgos, Emilia Bazar Conceição Arenal e Maria Guerrero na Hespanha; Georges de Pereybune, Daniel Lemeur, Marqueza de Noailles, Gyp, Henri Grevile e outros romancistas contemporâneos.

Como se pode observar Julia Lopes foi comparada às mais ilustres escritoras da época, principalmente as de Portugal, Espanha e França.

Infelizmente, ao retornar de uma viagem que fez para a África, contraiu a febre amarela e, em 30 de maio de 1934, veio a falecer devido a complicações renais e linfáticas. Foi sepultada no Cemitério São Francisco Xavier. Muitos amigos artistas, parentes e autoridades foram dar o último adeus a Julia Lopes de Almeida, a mulher, mãe, avó, esposa e escritora reconhecida nacional e internacionalmente.



Figura 20: Foto do casal Filinto e Julia²⁸

Apesar de toda a produção e toda a fama conquistada ao longo dos mais de quarenta anos de vida produtiva como escritora, D. Julia não pôde ganhar um acento na Academia Brasileira de Letras. Seu esposo, sempre muito apaixonado, não aceitou essa condição e, na ocasião de seu falecimento, determinou em seu testamento uma colaboração para que a Academia Brasileira de Letras instituisse um prêmio literário com o nome de sua esposa (Acervo pessoal da autora, arquivo prêmio ABL).

Julia Lopes de Almeida conseguiu, de seu companheiro, o reconhecimento

que não havia na sociedade. Com sua história de vida, pode ter contribuído para que outras mulheres continuassem lutando pela igualdade de direitos em todos os âmbitos da vida. Ela deixa o legado de que é possível conviver de maneira saudável, homens e mulheres, esposos e esposas, desde que haja amor, cumplicidade e companheirismo. Em todas as obras estudadas nesta tese, aparece a questão das diferenças mas o conselho de como viver harmonicamente, sem que haja a subjugação do feminino ao masculino, nem deste àquele.

NOTAS

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, elenitacpm@yahoo.com.br.

² Fonte: Acervo pessoal da autora.

³ Fonte: Acervo pessoal da autora.

⁴ Fonte: Acervo pessoal da autora.

⁵ Fonte: Acervo pessoal da autora. Foto a mim por Claudio Lopes de Almeida, o qual informou que o senhor de barbas longas era o Visconde Valentim da Silveira, pai da autora. As demais pessoas presentes na fotografia não foram mencionadas.

⁶ Significativa parte do que será exposto daqui para frente tem o olhar de sua filha Margarida, ou Guida, como costuma ser chamada por alguns.

⁷ Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/Catete_Palace> Acesso em: 10 jul. 2015.

⁸ Fonte: <<http://shdestherrense.com/home/partituras-para-saraus/>>. Acesso em: 10 jul. 2015. Tais eventos comumente se realizavam nas casas da alta sociedade, ambiente no qual Julia Lopes conviveu. A música e a poesia eram as principais atrações.

⁹ Trecho retirado da página 141 da biografia escrita por sua filha Margarida, que compõe o acervo pessoal de Julia Lopes de Almeida, doado a mim por Claudio Lopes de Almeida.

¹⁰ Introdução do primeiro artigo escrito por Julia Lopes de Almeida para o jornal A Gazeta de Campinas. Fonte: Acervo pessoal da autora.

¹¹ A biografia escrita por Margarida Lopes de Almeida foi fotografada por Claudio Lopes de Almeida e enviada em arquivo, por e-mail. As imagens têm numeração de 141 a 152. O fragmento citado encontra-se na página 145. Não consta no arquivo a data em que Margarida registrou esses dados a respeito da vida de Julia Lopes de Almeida.

¹² Informações retiradas da biografia escrita por Margarida Lopes de Almeida, imagem 147.

¹³ Fonte: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_de_São_Domingos_\(Santa_Justa\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_de_São_Domingos_(Santa_Justa))> Acesso em: 11 jul. 2015. Nessa igreja, Julia Lopes de Almeida se casou.

¹⁴ Fonte: Acervo pessoal da autora.

¹⁵ Fonte: Acervo pessoal da autora.

¹⁶ O poema consta na biografia de Julia Lopes de Almeida editada por Margarida Lopes de Almeida, sua filha.

¹⁷ Fonte: Acervo pessoal da autora.

¹⁸ Fonte: Acervo pessoal da autora. Mesmo num momento de descontração, de lazer, um dos

filhos é fotografado escrevendo. Uma cena tranquila de convívio familiar.

¹⁹ Fonte: Acervo pessoal da autora.

²⁰ Fonte: Acervo pessoal da autora.

²¹ Fonte: Acervo pessoal da autora.

²² Há mais coisas entre o céu e a terra do que pode imaginar nossa vã filosofia (tradução nossa).

²³ Fonte: Acervo pessoal da autora.

²⁴ Fonte: Acervo pessoal da autora. Não encontramos no acervo a indicação da autoria desse folhetim intitulado Poetas e águias, datado de 26 de abril de 1902. A inscrição "Raul/do Filinto de Almeida" deixa dúvidas a respeito. Em alguns arquivos aparecem comentários sobre a vida da autora por Raul Pederneiras, o que dá a entender que pode ser dele essa crítica positiva sobre o livro.

²⁵ Fonte: Acervo pessoal da autora.

²⁶ Fonte: Acervo pessoal da autora.

²⁷ Fonte: Acervo pessoal da autora.

²⁸ Fonte: Acervo pessoal da autora.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução de Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

AZEVEDO, Fernando. *A cultura brasileira*. Introdução ao estudo da cultura no Brasil. Brasília: Universidade de Brasília, 1963.

BADINTER, Elisabeth. *Um Amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

NEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.